

“Inferno astral” foi o velho chavão a que recorreram nos últimos dias alguns jornalistas brasileiros para descrever a situação que o presidente da República está vivendo neste momento. E com muita propriedade. De fato, Fernando Henrique Cardoso passa por seu pior momento desde que tomou posse, há quase um ano e quatro meses. Tudo conspira contra os planos do presidente, tudo complica e retarda a execução de seu projeto de consolidar o programa de estabilização da economia e de recolocar o Brasil na rota do desenvolvimento sustentado. Dificuldades e obstáculos que levaram FHC, normalmente afável e calmo, paciente e conciliador, a aparecer visivelmente tenso na quinta-feira à noite na televisão e a dizer que já está perdendo a paciência e não irá mais negociar.

O rosário de contratempos é grande. Primeiro, foi a decisão de um ministro do STF de suspender liminarmente a tramitação da emenda da Previdência Social, paralisando o Congresso Nacional e atrasando em pelo menos 30 dias o andamento de todas as emendas constitucionais. Depois, foi seu infeliz comportamento na questão da reabertura do debate sobre a reeleição, estimulado por ele para em seguida ser deixado de lado, com o presidente chegando a se confessar irritado com o assunto. Agora, é esta terrível tragédia no Pará, com as óbvias reações de sempre, a maioria culpando o governo e o presidente por um acontecimento pelo qual ele não tem a menor culpa. Acrescente-se a isso tudo o crescimento geométrico do déficit das contas da União. Finalmente, para complicar ainda mais, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, faz desastradas declarações numa reunião na Fiesp, criticando duramente a política de juros e a burocracia do Banco Central, acirrando ainda mais as disputas entre as equipes dos ministros Pedro Malan e José Serra.

E nenhum desses dissabores foi atenuado pela aparente reconciliação entre o presidente e seus dois mais ácidos críticos hoje, os ex-presidentes Itamar Franco e José Sarney, com amabilidades e sorrisos registrados pela imprensa mas tão falsos quanto uma nota de onze reais, sob os auspícios do primeiro-ministro de Portugal em visita ao País. O que parêce uma boa notícia foi uma mera encenação, para não deixar mal o ministro Antônio Guterres, pois Itamar e Sarney não querem trégua nem o sucesso do Plano Real.

Instalado em Brasília e despachando na capital da República como se ainda fosse o primeiro mandatário da Nação (até ministros de FHC tem recebido), o embaixador brasileiro em Portugal tem se dedicado à tarefa de formar uma ampla aliança política contra Fernando Henrique e os planos do governo, das reformas constitucionais à privatização. E com estreita colaboração de Sarney, outrora seu adversário fidalgo e cujo

governo o ex-senador de Minas Gerais colocou sob suspeita ao pedir a instalação de uma CPI da Corrupção, aprovada pelo Senado mas nunca efetivada.

Itamar e Sarney estão conseguindo aglutinar num bloco oposicionista desde a direita mais raivosa até a esquerda mais radical, revivendo a mesma promíscua aliança que a Secretaria Especial de Informática (SEI), um organismo governamental inteiramente dominado pelos militares, comandou durante a ditadura para criar a reserva de mercado na área de informática.

Sarney justifica seu entendimento com Itamar alegando que como ex-presidentes da República os dois têm de agir como *estadistas* tomando posição em relação a questões como a privatização e as reformas. *Estadistas-póstumos*, pois ninguém no Brasil notou que eles tinham esta categoria quando, ambos por acasos da sorte, ocuparam a Presidência da República.

Alguns dos componentes dessa tenebrosa aliança anti-reformas e antiprivatização estão nesta empreitada realmente movidos por motivos ideológicos, respeitáveis embora ultrapassados. Outros, são movidos apenas por motivos fisiológicos. É o caso dos nossos dois “estadistas-póstumos” em campanha contra a privatização da Vale. Itamar Franco, por exemplo, está irritado porque o seu dentista particular, Luis Serrato, que ele havia nomeado para o conselho da empresa, foi demitido por FHC. Quanto a Sarney, ele não quer que a Vale deixe de ser estatal porque, privatizada, ela deixará de ser cabide de empregos para amigos — que podem não ser dentistas — e cabos eleitorais.

Itamar, com a ajuda de amigos, principalmente de seu ex-ministro Ciro Gomes, está também muito preocupado em “reescrever” sua biografia com vistas à próxima sucessão presidencial. Uma das preocupações do ex-presidente — que, aliás, nunca escondeu o ciúme que sempre sentiu de seu ministro da Fazenda e dos autores do Plano Real — é a de provar que foi ele quem deu a Fernando Henrique o prestígio que o elegeu presidente da República. Ora, todo mundo sabe que o que aconteceu foi exatamente o oposto: foi Fernando Henrique quem nomeado ministro da Fazenda, resgatou o governo Itamar Franco do ridículo em que ele se encontrava mergulhado.

Com o comportamento que Itamar vem tendo como embaixador em Lisboa, os portugueses têm todo o direito de considerá-lo uma “piada de brasileiro”, vingando-se, assim, dos brasileiros que durante anos se divertiram contando piadas de português.

O que o presidente Fernando Henrique está esperando para retribuir as repetidas “cutucadas” desse estadista-póstumo, devolvendo-o a Juiz de Fora?